

Zélia quer discutir regras do FMI

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Em sua visita de cinco dias à capital americana, onde participará a partir de hoje da reunião semanal do FMI, a ministra Zélia Cardoso de Mello não pretende conversar sobre um programa do organismo para o Brasil. Zélia quer, antes de tudo, discutir sobre a possibilidade de o país negociar um acordo com o Fundo. Em outras palavras, antes de começar negociações concretas, a ministra tentará definir alguns dos parâmetros dentro dos quais uma conversa poderá progredir.

Se não houver concordância sobre eles, paciência. O Brasil deverá continuar sem um programa com o Fundo. Zélia

chegou à embaixada brasileira, onde ficará hospedada, às dez e meia da manhã. “Não tenho nada a dizer”, avisou ela, delicadamente, aos jornalistas que a aguardavam. “Hoje é um dia de férias. Vou descansar desta viagem longa. Tive que tomar três aviões diferentes para chegar até aqui”. Os repórteres insistiram.

“Ministra, antes do seu descanso, a senhora vai tentar um acordo com o Fundo?”, perguntou um repórter. “Vou conversar sobre isto, sobre esta possibilidade”, retrucou Zélia. “Ministra, se eu entendi direito, o que a senhora está dizendo é que vai discutir com o FMI se existe uma chance para que se discuta um acordo com o Brasil”, tentou outro repórter. “É isso mesmo”, afirmou ela.

Tudo isto pode parecer uma manobra complicada, mas na verdade, é ditado por uma certa cautela do governo brasileiro, que discorda das metas que o FMI, de modo informal, tem indicado como sendo as que gostaria de ver num possível acordo com o Brasil. Um dos principais pontos de choque entre o Fundo e o governo brasileiro está em torno dos números da inflação. A instituição acha que é mais do que factível exigir do Brasil o comprometimento com um índice inflacionário entre 2% e 3% ao mês.

Zélia e o governo, talvez escaldados pela experiência, acham arriscado politicamente o compromisso com estes números. A ministra vai sobretudo tentar mostrar a Michel Camdessus, diretor-ge-

ral do FMI, com quem ela se avistará na terça-feira, que as metas propostas pelo organismo tem uma boa dose de idealismo. Camdessus, confidenciam funcionários do Fundo, deverá se manter irredutível nesta área dos números.

Até porque ele acredita que o principal problema brasileiro é o inflacionário. A ministra retrucará, em relação a este assunto, que o Brasil tem resultados a apresentar no que toca à liberação das relações do país com o capital estrangeiro. E tentará angariar a sensibilidade do FMI para o que ela acredita ser a delicada situação de reorganização da economia brasileira, onde cada ação sempre tem um componente político, senão explosivo, pelo menos complicado de resolver.